

## Resumos comentados

Karola Zimmer

De Gertrud Grimm conhecem-se, até agora, duas narrativas: *Einwanderer* (Imigrantes), de 1951, e *Der "barmherzige Samariter"* (O bom samaritano), de 1952. Com este segundo texto, a autora participou de um concurso literário promovido pelo Serra-Post-Kalender (Anuário Serra-Post) em Ijuí, e foi agraciada com um prêmio de consolação no valor de cem cruzeiros.

A história contada em *Einwanderer*, por um narrador onisciente, alternando discurso direto e discurso indireto, relata em três tempos a chegada de um grupo de imigrantes ao Brasil e o seu assentamento.

A primeira parte desenrola-se no convés de um pequeno navio alemão com destino ao Brasil. Ali está reunido um grupo de passageiros, todos alimentando *expectativa esperançosa* em relação à futura nova pátria. Se, em um primeiro momento, a expressão *passageiros* nos remete a um cruzeiro marítimo, logo constatamos tratar-se de um engano, pois os passageiros são imigrantes deixando em definitivo a pátria. Ainda assim, o clima da viagem é tranqüilo e despreocupado.

Gustav é um jovem, que emigra na companhia dos pais e de uma irmã. Costuma jogar xadrez com uma moça chamada Lili, que, por sua vez, está indo ao encontro do pai e da mãe, já emigrados alguns anos antes. Consta que estes, no começo, haviam passado por tempos difíceis em terras brasileiras, que tinham vendido recentemente a pequena propriedade rural em que moravam e que se haviam mudado para a cidade. Lili mostra a Gustav fotos da casinha modesta, feita de troncos de árvore, que fora até há pouco a residência de seus pais.

O narrador remete aqui o leitor aos tempos pioneiros da imigração. Sabe-se que Gertrud Grimm chegou ao Brasil em 1930. É provável que, nesta narrativa, a autora entrelace experiências e memórias pessoais com memórias da coletividade. Em 1930, a primeira grande onda da imigração alemã já datava de mais de cem anos; nessa época já havia descendentes de terceira geração. Este grupo étnico tinha suas igrejas, suas escolas, associações esportivas e culturais; firmas alemãs tinham-se estabelecido no Brasil; enfim, existia toda uma estrutura já pronta para receber outros recém-chegados. Os tempos pioneiros, em que levas de imigrantes chegavam, trazidas por assim chamadas *companhias colonizadoras* para o trabalho na lavoura, estavam bem longe disso.

Um dos passageiros do navio, Heinz Schraegers, por exemplo, já traz na bagagem um contrato com uma firma alemã. Sempre elegante e bem vestido, é muito crítico em relação às condições e aos serviços do navio. Não é um imigrante comum. Fred Weller, porém, outro jovem passageiro, retrata pessoas (no momento desenha o rosto de Heinz Schraegers) em troca de uma pequena renumeração. Fred é um jovem pobre e talentoso, que espera encontrar aplicação para suas aptidões na nova pátria. Karl Martens, pai de Gustav, preocupa-se em aprender o português repetindo vocábulos. Não conhece nada sobre o país, mas acredita que suas habilidades artesanais, bem como as de seu filho, possam garantir-lhes bons empregos.

Na segunda parte da narrativa, chegados e já estabelecidos no Brasil, os imigrantes estão se adaptando – *lentamente, muito santamente* - às novas condições. Preenchendo as expectativas, Karl Martens e seu filho acham trabalho de imediato, tendo o pai encontrado um patrício, o sr. Lehmann, já residente no país há algum tempo. As famílias Martens e Lehmann estabelecem, então, entre si relações amigáveis. Gustav volta a encontrar Lili, a jovem do navio e os dois acabam por se casar. Os contatos feitos no navio se consolidam. No Natal as famílias se reúnem e o evento é festejado segundo as tradições alemãs. Surge, nesse ínterim, entre eles um jovem, chamado Fred, que se

identifica como passageiro desse mesmo navio, diz que é desenhista e artesão habilidoso, e que também alimenta a esperança de, com seu talento, construir uma nova existência no Brasil. A ação da narrativa é interrompida, neste passo, por um *flash back*, em que o narrador discorre sobre uma tentativa anterior de Fred na Alemanha de viajar como clandestino em outro navio, com outro destino. Por falta de sorte perdera esse navio e seus haveres. É obrigado a viver um tempo na rua, consegue trabalho, economiza duramente, e, a certa altura, um companheiro de trabalho fala-lhe sobre o Brasil. Entusiasmado, consegue um visto para o país e emprega seus últimos recursos no embarque para cá. A viagem para terras brasileiras fora mero acaso.

Certamente, deveriam correr entre os imigrantes muitas histórias sobre como e por que haviam chegado ao país.

Na terceira e última parte da narrativa, Fred encontra trabalho e casa com a irmã de Gustav Martens, Anita. Heinz Schraegers, seduzido pelo jogo, acaba por roubar a firma que o trouxe ao Brasil, é preso e aparece, depois de solto, na casa de Karl Martens, em total estado de carência e abandono. Apesar da oposição da esposa, Karl Martens ajuda-o a retomar a vida. A família Lehmann consegue realizar um sonho longamente acalentado: visitar a Alemanha. De volta ao Brasil, contudo, confessa que a vida na velha pátria se tornara estranha para eles; em muitos momentos, haviam sentido saudades do Brasil.

Todos os personagens da narrativa fazem parte de um círculo restrito de imigrantes. Não há referência ao entorno brasileiro, a pessoas, costumes, paisagens, seja o que for. O mundo externo está ausente.

Talvez se possa pensar que a narrativa, publicada em 1951, reflita um pouco o isolamento em que se viram os imigrantes depois de 1942, data em que o Brasil entrou na Segunda Guerra ao lado dos Aliados, quando a língua alemã foi proibida, escolas, associações alemãs foram fechadas. Talvez a própria autora tenha se ressentido disso.

Com a narrativa *O bom samaritano* a autora participou de um concurso literário do *Serra-Post-Kalender* (Anuário Serra-Post). Trata-se de um texto ficcional em que os personagens, todos eles imigrantes alemães, surgem sem uma caracterização mais detalhada. São eles: Dona Erika, seu marido Max, Dona Martha e seu marido, e um meliante, sem nome. Prevalece a ação da narrativa: a história desenvolve-se em torno do plano elaborado pelo meliante para obter dinheiro dos incautos, neste caso os dois casais apontados. Entre os personagens somente ele é descrito com algum detalhe: pequeno, troncado, sem chapéu, rosto muito vermelho, insinuando que o personagem possa estar embriagado. Já o golpe com o qual pretende obter dinheiro, primeiro de Dona Erika, é inventivo e descrito com minúcias. Só não é bem sucedido porque Dona Erika, embora seja possuidora de bom coração e se comova com a história que lhe é contada (história dentro da história), e apesar de se encontrar sozinha em casa, casualmente está sem dinheiro. A ausência do marido também fora arquitetada pelo golpista, que com ele marcara um encontro fictício. Depois deste primeiro fracasso, o meliante tenta o mesmo plano com uma vizinha, dizendo-lhe que fora recomendado por Dona Erika. Tem relativo sucesso graças a certa ingenuidade de Max, marido de Dona Martha.

O espaço em que os personagens se movem também é aqui desprovido de maiores detalhes. Ambiente externo praticamente inexistente; há somente a inserção de alguns nomes de localidades brasileiras, ou palavras como *portão*, *cruzeiro*, que evocam um espaço exterior e também um determinado grau de assimilação cultural.